

GÊNERO E BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: AS RELAÇÕES ENTRE PROFESSORAS, MENINAS E MENINOS

VIVIANE DRUMOND

CLEIDIANE CARDOSO DA SILVA

Universidade Federal do Tocantins (UFT), Palmas, Tocantins, Brasil

RESUMO: O presente estudo qualitativo de cunho etnográfico problematizou as relações de gênero nas brincadeiras de meninas e meninos, e no cotidiano de professoras e crianças de uma escola municipal de Educação Infantil no interior do Tocantins. Foram realizadas observações em uma turma de pré-escola, com crianças de 4 a 5 anos de idade. O caderno de campo foi utilizado para o registro descritivo das observações. Como bases teóricas foram eleitos os estudos de gênero e da área de Educação Infantil. Os resultados apontam que a escola reproduz práticas sexistas e reforça a heteronormatividade. Mas, as crianças transgridem as fronteiras de gênero impostas e mostram que outras formas de convivência são possíveis. Verificou-se a importância de discussões sobre essa temática na formação de professoras e professores.

PALAVRAS-CHAVE: Meninas e Meninos. Relações de Gênero. Brincadeiras. Educação Infantil.

INTRODUÇÃO

Desde que nascem as crianças são rotuladas quanto ao seu sexo, seja pelos brinquedos, ou pelo uso de determinadas cores. A realidade em que vivem e as relações que desenvolvem desde a infância sutilmente influenciam na construção da sua identidade. As brincadeiras também são formas de convivência e socialização entre as crianças, mas na maioria das vezes a sociedade impõe a divisão por sexo, com brincadeiras de meninas e de meninos.

Mesmo assim, nos deparamos com uma grande falta de conhecimento dos profissionais da educação no que diz respeito à sexualidade e gênero. Este artigo traz reflexões sobre as brincadeiras de meninas e meninos na Educação Infantil sob a ótica das relações de gênero, de forma a contribuir com as discussões sobre a formação de professores (as) que atuam diretamente com as crianças.

Utilizamos o gênero como categoria de análise para compreender as relações entre meninas e meninos nas brincadeiras infantis em espaços de Educação Infantil, visto que “a utilização do gênero como categoria de análise implica em conhecer, saber mais sobre as diferenças sexuais. Compreender como são produzidas pelas culturas e sociedades nas relações entre homens e mulheres” (FINCO, 2010b, p.126).

Este estudo teve como foco de interesse analisar como os (as) professores (as) da Educação Infantil, se posicionam em relação às questões de gênero no espaço da Educação Infantil. Buscou verificar se o modo como os (as) adultos (as) se posicionam interfere ou não na construção da identidade das crianças. Também procurou observar como meninas e meninos se relacionam nos momentos das brincadeiras na Educação Infantil.

Mesmo diante da escassez de estudos que discutem essa temática, optamos por pesquisar sobre gênero na Educação Infantil, visto ser esta uma questão atual e importante nas discussões sobre as práticas educativas para a construção de uma sociedade menos desigual, mais justa e humana.

Aprendemos como sermos mulheres e homens ao longo de nossas vidas, de acordo com os valores sociais e a cultura da sociedade em que vivemos. Ensinam-nos como nos comportar, o que vestir, o que falar, do que brincar, o que preferir, mas as opções são diferentes para mulheres e homens. Qualquer forma de viver a sexualidade que não reproduz o modelo heteronormativo costuma ser reprimida, censurada e discriminada.

O processo de socialização de gênero se inicia na infância e é introduzido de forma sutil na vida das crianças, desde a Educação Infantil. Assim cabe perguntar: quais relações são estabelecidas entre as meninas e os meninos nas brincadeiras no espaço da Educação Infantil? O que as crianças estão aprendendo sobre os papéis femininos e masculinos na sociedade em que vivem? As práticas educativas reproduzem a sociedade adultocêntrica, homofóbica e sexista ou estimula o convívio com a diferença e a diversidade?

A pesquisa de cunho etnográfico foi construída a partir destes questionamentos iniciais e problematizou as relações de gênero nas brincadeiras de meninas e meninos e no cotidiano de uma escola municipal de Educação Infantil. Desse modo, o texto está organizado em quatro seções: O conceito de gênero e a Educação Infantil; As relações de gênero nas brincadeiras de meninas e meninos; Os caminhos metodológicos; As relações entre professoras, meninas e meninos na Educação Infantil. E, por fim as considerações finais.

O CONCEITO DE GÊNERO E A EDUCAÇÃO INFANTIL

As crianças desde bem pequenas são rotuladas quanto ao seu sexo, seja pelos brinquedos, cores das roupas e objetos e até pela maneira de se comportar. Elas aprendem desde bem pequenas o que é ser menina ou menino, a diferenciar os papéis femininos e masculinos. Tanto no espaço privado, quanto no institucional, nas creches e pré-escolas, parece predominar uma proposta educativa pautada pela heteronormatividade. As crianças são vistas como corpos femininos ou masculinos, que precisam ser diferenciados, rotulados, classificados. A menina precisa ser comportada, obediente, compreensiva, gostar de cor de rosa e de brincar de bonecas. Já o menino tem que jogar bola, correr, e não pode chorar.

Assim, as marcas do gênero vão sendo impressas nos corpos de meninas e meninos de acordo com as expectativas dos adultos, da forma como uma determinada sociedade concebe o que significa ser menina ou menino em um determinado tempo e espaço. De modo que, “a força da categorização nas representações de gênero que circulam em volta da criança é tão forte que ela sempre vai aparecer como uma menina ou como um menino desenvolvendo identidades sociais específicas” (CRUZ, 1998, p. 76).

Numa sociedade adultocêntrica, o olhar do adulto fica preso aos seus referenciais e acaba, com isso, negligenciando muitas vezes a perspectiva da criança. Ou seja, “as manifestações da sexualidade infantil são observadas por uma ótica predominantemente genital e permeada por representações repressivas e moralistas” (CRUZ, 1998, p. 76).

As pesquisas que tomam o gênero como categoria de análise (FINCO, 2010a; MORENO, 1999; BELOTTI, 1975) mostram como a escola educa meninas e meninos de formas distintas. Finco (2010a) analisou as relações de gênero entre meninas e meninos na Educação Infantil, e observou que o sexo é um critério da organização institucional e do uso dos tempos e espaços. Destacou uma intencionalidade pedagógica com práticas e estratégias de organização caracterizadas por uma disciplina de controle, regulação e normatização dos corpos e dos desejos das crianças.

Moreno (1999), em seu livro “Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola”, mostra a presença do androcentrismo nas atividades diárias na escola e principalmente a discriminação da mulher, do feminino, por meio dos conteúdos escolares nos livros didáticos.

Belotti (1975) apresenta um estudo sobre as relações de gênero na infância, ao tratar da educação escolar das meninas na Itália. Ao buscar conhecer as causas sociais e culturais das diferenças entre os sexos, a autora afirma que podemos descobrir sua gênese em pequenos gestos cotidianos que chegam a passar-nos despercebidos; em reações automáticas, que repetimos sem ter consciência do seu significado, porque os interiorizamos no processo educacional; são preconceitos que Não resistem à razão nem aos novos tempos, mas que continuamos a reproduzir como verdades inquestionáveis.

As pesquisas mostram como o gênero enquanto categoria analítica traz contribuições para os estudos na área da educação, de um modo geral e, particularmente para a Educação Infantil.

O conceito de gênero, no Brasil, emerge como categoria de análise nos anos 80, a partir dos estudos feministas, como um instrumento teórico para pesquisas nas ciências humanas e sociais. Gênero se refere ao modo como as diferenças sexuais são compreendidas numa dada sociedade, num determinado grupo, em determinado contexto.

Gênero não pretende significar o mesmo que sexo, pois enquanto sexo se refere à identidade biológica de uma pessoa, gênero está ligado à sua constituição social como sujeito masculino e feminino. Tornamo-nos mulheres e homens, meninas e meninos, nos processos discursivos e culturais. Assim, não se trata mais de focalizar apenas as mulheres como objeto de estudo, mas sim os processos de formação de feminilidade e de masculinidade, ou seja, os sujeitos femininos e masculinos (LOURO, 1997).

De acordo com Scott (1995, p. 86), “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos”, que por sua vez “se constituem no interior das relações de poder”.

Portanto, é importante que notemos que grande parte dos discursos sobre gênero de algum modo inclui as questões de sexualidade. Mas, é preciso estabelecer algumas distinções entre gênero e sexualidade, ou entre identidades de gênero e identidades sexuais. As identidades sexuais dos sujeitos se constituem através das formas como vivem sua sexualidade, com parceiros/as do mesmo sexo, do sexo oposto, de ambos os sexos ou sem parceiros/as. “Por outro lado, os sujeitos também se identificam, social e historicamente, como masculinos ou femininos e constroem suas identidades de gênero” (LOURO, 1997, p. 26).

A discussão de gênero não está ancorada na polarização do biológico com o social. O caminho é desconstruir os binarismos e evitar esse tipo de polarização, natureza/social. O processo de constituição dos sujeitos não está dissociado dos corpos, uma vez que o gênero é constituído e instituído por múltiplas instâncias e relações de poder, e são nas relações sociais, atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, que os sujeitos vão se construindo como femininos e masculinos (FOUCAULT, 1988; FAUSTO-STERLING, 2002).

Entender gênero, nesta perspectiva, é buscar entender as relações sociais e culturais que dão sentido à produção de feminilidades e masculinidades. Historicamente, percebemos que a diferença foi tratada como desigualdade. Homens e mulheres são diferentes um do outro, assim como são diferentes entre si, mas tais diferenças foram construídas como desigualdades.

Louro (1997) deixa claro que as identidades (sexuais e de gênero) estão inter-relacionadas, porém, não é a mesma coisa, e ressalta também que tanto na dinâmica do gênero como da sexualidade, as identidades são sempre construídas e não dadas e acabadas num determinado momento. Assim, “as identidades estão sempre se construindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação” (p. 27).

Os (as) professores (as) e todos que trabalham no ambiente da Educação Infantil devem procurar meios de mostrar as crianças, desde o primeiro momento, que independentemente do sexo, somos diferentes uns dos outros, mas deve-se respeitar a todos sem distinção de sexo, cor, religião, etnia, etc. Finco (2008, p. 2) afirma que:

É importante que os/as docentes que trabalham na educação infantil tenham consciência do potencial que o ambiente coletivo de educação tem para possibilitar a convivência entre a diversidade e repense desse modo, suas práticas educativas. A discussão das questões de gênero na educação infantil se traduz na possibilidade de uma educação mais igualitária, que respeite a criança na construção de sua identidade e que favoreça, desde as primeiras relações, a constituição de pessoas sem práticas sexistas.

Desse modo, percebemos a importância da presença das discussões de gênero nos cursos de formação de professores (as) de Educação Infantil, para que possa despertar nestes profissionais a compreensão do seu papel diante dessa problemática. Relacionar gênero e infância oferece pistas para uma formação docente que problematize a origem das desigualdades. Assim, percebe-se que é necessário discutir “as teorias de gênero enquanto fundantes da análise das relações entre as crianças e para a construção de

DRUMOND, V.; SILVA, C. C.

práticas educativas atentas às diferenças e que combata a desigualdade” (FINCO, 2008, p. 1).

AS RELAÇÕES DE GÊNERO NAS BRINCADEIRAS DE MENINAS E MENINOS

Desde pequenas as crianças são orientadas pelos adultos a perceber a diferença entre ser menino e ser menina. Aprendem que os meninos são fortes e agressivos, já as meninas são frágeis, delicadas e comportadas. No livro *Ceci tem pipi?*, de Thierry Lenain (1959), o garoto Max, intrigado com o comportamento de uma menina, a Ceci, resolve investigá-la. O autor vai desmistificando, através de uma narrativa, os comportamentos esperados de meninas e meninos:

Antes, para Max, tudo era muito simples. Primeira coisa: havia o pessoal Com-pipi. Segunda coisa: havia o pessoal Sem-pipi. Terceira coisa: o pessoal Com-pipi era mais forte do que o pessoal Sem-pipi. Lógico! Eles tinham pipi. Não é mesmo?

Mas tudo isso foi antes... Porque um dia, na escola, Ceci vai para a turma de Max.

- Esta é a Ceci! Diz a professora. No começo, Max não liga para Ceci. É um Sem-pipi! Ela que vá brincar de boneca ou desenhar florzinhas fofinhas.

Rá! E alias está na hora da aula de desenho e Ceci desenha. – Você desenha muito bem! Exclama a professora, mostrando o desenho de Ceci. No papel, não tem florzinha fofinha nenhuma! O que tem é um mamute enorme! “Qual é a dessa garota?”, Max fica pensando.

Nos dias e semanas seguintes, Max muitas vezes faz a mesma pergunta para si mesmo: “Qual é a dessa garota?” Porque, além de desenhar mamutes, Ceci joga futebol. E tem uma bicicleta de garoto.

Ceci não tem medo de subir nas árvores (e vai bem mais alto que Max). Nas lutas, Ela sempre vence.

Vai ver que a Ceci tem alguma coisa que as outras meninas não têm, pensa Max. É, deve ser isso. Ceci é uma menina que tem pipi... Mas isso é trapaça! Na mesma hora, Max resolve investigar...

Por baixo da porta ele vê, por exemplo, que ela faz pipi sentada e não de pé. Bom, isso não prova nada! Qualquer um pode fazer pipi sentado.

Depois, chega o verão. Ceci e Max se encontram num acampamento. Enquanto os pais deles armam as barracas, eles gritam: - A gente vai nadar! Estão com tanta vontade de enfrentar as ondas que até esquecem de levar suas roupas de banho.

Ceci tira a roupa. No começo, Max só vê o bumbum dela. Depois Ceci se vira. Max fica de queixo caído e olho arregalado.

Ele gagueja: - Você... Você não tem pipi?! Espantada, Ceci olha para a parte de baixo de sua barriga. E diz: - Ué! Não, eu tenho perereca! E pluf, mergulha no mar.

Desde aquele dia, o mundo não é mais o mesmo para Max.

Antes, havia o pessoal Com-pipi e o pessoal Sem-pipi. Agora, tem os Com-pipi e as Com-perereca. Pois é... Não tem nada faltando nas meninas! (LENAIN, 1959, p. 5-29).

Percebe-se que a diferença entre os gêneros é representada pelo fato de ter ou não “pipi”. Para o garoto Max, os meninos são fortes, por outro lado, as meninas não são considera fortes, pois elas não ter “pipi”. Por isso, para ele as meninas devem desenhar florzinha, brincar de bonecas. Já os meninos podem andar de bicicleta, subir em árvore, jogar bola. Só que Ceci não se comporta como as outras meninas, pois ela sobe em árvore, joga bola, desenha mamutes e ainda anda de bicicleta. Ao investigar, Max descobre que

Ceci é uma menina, e que ao invés de “pipi” tem “perereca”, e que não falta nada nas meninas. Max percebe que as diferenças são construídas e não naturais. Descobre que não são as características biológicas que determinam o que uma pessoa pode ou não fazer, e que as características tidas como femininas ou masculinas estão presentes tanto nas meninas, quanto nos meninos.

As crianças devem compreender desde pequenas que não é o sexo que determina o que a menina ou o menino pode fazer. As crianças precisam ser livres para brincar enquanto descobrem o mundo e estão construindo suas identidades. Portanto, é na convivência com outras crianças e com os adultos que as crianças criam relações, laços de amizade, afeto, respeito, companheirismo, confiança; aprendem a conviver com as diferenças, novos saberes, reproduzindo, aprendendo uns com os outros e construindo sua própria identidade.

Finco (2010a) ressalta que a convivência com as diversas formas de ser e de relacionar-se é um ponto importante na Educação Infantil, pois isso permite a riqueza de possibilidades de aprender com o outro e com o diferente. Finco (2010a, p. 13) ainda afirma que “[...] é por meio das brincadeiras que essas relações ganham potencialidade. A brincadeira possui uma qualidade social de trocas: descobrem-se significados e encontram-se lugar para a experimentação e para a transgressão”. Prado (1999, p. 115) ressalta que

Reconhecer e assumir a criança como ser social que constrói e cria cultura não significa defender ou lutar pelo primado da criança em oposição ao do adulto. As relações que se estabelecem entre eles não se dão apenas como um jogo de espelhos ou reflexos alternantes. Como fatos sócio-culturais, as brincadeiras pressupõem uma aprendizagem social, pois aprende-se a brincar.

As brincadeiras também são formas de estimular a convivência e o respeito entre os sexos, mas diversas vezes a sociedade impõe a divisão entre brincadeiras de meninas e de meninos. Com isso, os(as) professores(as) da Educação Infantil precisam buscar meios de mostrar às crianças, desde o primeiro momento no ambiente escolar, que deve-se respeitar a todos sem distinção de sexo, de raça, cor da pele, tipo de cabelo e etc. Finco, Silva e Drumond (2011, p. 77) entendem que:

Considerando a forma como os brinquedos são oferecidos e a força da simbologia que carregam, é possível considerar que tanto as meninas como os meninos vivenciam “situações de conflito” na constituição de suas identidades. Porque a construção das identidades de gênero envolve um processo permanente de acomodação e Resistência, que, mesmo quando toma a forma de recusa ou silêncio, é ativo.

Assim, as crianças podem e devem brincar livremente com qualquer tipo de brinquedo ou brincadeiras. Percebemos que a criança, ao brincar, não está somente fantasiando, mas trabalhando suas contradições, ambiguidades e valores sociais, pois é na relação com o diferente que ela vai alicerçando e desconstruindo hipóteses e modelos.

Atualmente, em nossa sociedade é particularmente difícil continuar sustentando a ideia de que um menino não pode brincar de boneca, pois, cada vez mais, os homens assumem responsabilidades de cuidado com seus filhos. Assim como as mulheres dirigem

DRUMOND, V.; SILVA, C. C.

carros, estão inseridas no mercado de trabalho e tomam decisões. As brincadeiras na Educação Infantil,

Podem estar servindo, por meio de estratégias sutis, como um recurso para a reprodução de relações desiguais de gênero. A brincadeira não é vista simplesmente como um contexto no qual a interação ocorre, mas como um fenômeno que tanto produz como é produzido por relações de poder e gênero (FINCO, 2010b, p. 134).

É necessário que essa associação dos brinquedos e das brincadeiras a significados femininos e masculinos seja desconstruída, pois, enquanto isso não acontecer, meninas e meninos continuarão sendo ensinados e influenciados, através das formas de brincar e dos brinquedos utilizados, a diferenciar, excluir, a ter preconceito uns com os outros e a reproduzir práticas sexistas e homofóbicas nas relações que estabelecem.

OS CAMINHOS METODOLÓGICOS

O presente texto traz reflexões sobre as brincadeiras de meninas e meninos na Educação Infantil a partir da ótica das relações de gênero. Utilizamos o gênero como categoria de análise para compreender as relações entre meninas e meninos nas brincadeiras infantis em espaços de Educação Infantil, visto que, “a utilização do gênero como categoria de análise implica em conhecer, saber mais sobre as diferenças sexuais, compreender como são produzidas pelas culturas e sociedades nas relações entre homens e mulheres” (FINCO, 2010b, p.126).

A pesquisa parte de uma abordagem metodológica qualitativa, que envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo da investigação do que propriamente os resultados e se preocupa em retratar a perspectiva dos sujeitos participantes (BOGDAN; BIKLEN, 1997).

Assim, com o intuito de melhor compreender o universo investigado, a opção nesse estudo é pela pesquisa de cunho etnográfico, visto que,

A etnografia é o método que os antropólogos mais empregam para estudar as culturas exóticas. Ela exige que os pesquisadores entrem e sejam aceitos na vida daqueles que estudam e dela participem. Neste sentido por assim dizer, a etnografia envolve “tornar-se nativo”. Estou convicto de que as crianças têm suas próprias culturas e sempre quis participar delas e documentá-las. Para tanto, precisava entrar na vida cotidiana das crianças – ser uma delas tanto quanto podia (CORSARO, 2005, p. 446).

A etnografia contribui para estabelecer maneiras criativas de contato entre o pesquisador e os sujeitos investigados. O texto e o contexto são para o pesquisador ferramentas conceituais importantes, e a etnografia um importante recurso para a realização da leitura desse universo, e é nessa perspectiva que se insere a utilização da etnografia em pesquisas com crianças (FILHO, 2011).

Para Freitas (2007, p. 12), os coletivos infantis como as creches e pré-escolas, só se torna efetivamente compreensível de perto, representa “um microcosmo a ser desvelado” Por isso mesmo, os (as) pesquisadores(as) de crianças pequenas vêm

recorrendo às etnografias, aos estudos descritivos das relações entre as crianças nos coletivos infantis, com o objetivo de analisar a produção das culturas infantis. As pesquisas com crianças pequenas têm desvelado o universo infantil que, por muito tempo, foi negligenciado nos estudos educacionais.

Assim, a pesquisa de campo foi realizada no primeiro semestre de 2016, em uma escola de Educação Infantil de um município do interior do Tocantins. A Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI), construída com recursos do Governo Federal por meio do Programa Nacional de Reestruturação e Aquisição de Equipamentos para a Rede Escolar Pública de Educação Infantil (Proinfância¹), comporta 240 crianças e foi inaugurada em 2012. Atende turmas de creche (crianças de 0 a 3 anos) e de pré-escola (crianças de 4 e 5 anos).

As observações foram realizadas em uma turma de pré-escola com crianças de 4 a 5 anos de idade, sendo 18 meninas e 12 meninos. Elas permanecem na escola apenas no período matutino, pois somente as crianças de 0 a 3 anos ficam o período integral na escola. Na sala investigada encontramos duas professoras, sendo uma a professora regente e a outra a assistente.

Desse modo, as observações foram registradas no caderno de campo para documentar o cotidiano e as relações entre as crianças e as professoras no espaço da Educação Infantil. Com uma leitura atenta e cuidadosa dos registros descritivos foi possível descrever e analisar os dados coletados, utilizando, assim, o referencial teórico construído a partir da pesquisa bibliográfica.

O processo de construção desse estudo mostrou que fazer pesquisas envolvendo crianças não é uma tarefa fácil. A esse respeito Dermartini (2011, p.11) ressalta que:

A pesquisa sobre a infância e as diferentes crianças é talvez o desafio maior que se coloca aos pesquisadores mesmo os mais experientes: Como observar as vivências infantis, tão complexas, procurando captar não as representações e reconstruções científicas dos adultos sobre aquelas, mas o "olhar" das próprias crianças?

Assim, esse estudo se insere no propósito de realizar pesquisas não sobre as crianças, mas com as crianças, conforme aponta Corsaro (2005). Por meio da observação atenta às crianças foi possível acompanhar e registrar suas vivências e experiências e analisar as questões de gênero no dia-a-dia de uma pré-escola.

AS RELAÇÕES ENTRE PROFESSORAS, MENINAS E MENINOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Com o objetivo de analisar as relações de gênero nas brincadeiras de meninas e meninos na Educação Infantil, a pesquisa buscou compreender o cotidiano de crianças e professoras de uma turma de pré-escola. Informamos às professoras que o foco da observação seria as brincadeiras das crianças e as relações entre elas.

As observações realizadas foram registradas de forma descritiva no caderno de campo. Após a leitura atenta e análise rigorosa do conteúdo registrado, o material foi organizado em categorias ou eixos de discussão. Apresentamos nesse texto três categorias que envolvem as análises: 1. O gênero na organização do trabalho pedagógico;

DRUMOND, V.; SILVA, C. C.

2. As relações de gênero entre professora, meninas e meninos; 3. As relações de gênero nas brincadeiras de meninas e meninos.

1. O GÊNERO E A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO

Observamos que a professora organiza as mesas e cadeiras das crianças em forma de círculo, em grupos mistos, onde meninas e meninos compartilham do mesmo grupo. E são as professoras que indicam onde a criança deve sentar. As professoras usam as filas, para todos os momentos que as crianças precisam sair da sala, como para ir ao banheiro, tomar água, hora do lanche, ir ao parque. Mas, a fila, é composta por meninas e meninos. As professoras não recorrem ao critério do sexo para organizar as filhas, como muitas vezes observa-se na Educação Infantil, com a fila das meninas e a fila dos meninos.

A divisão por sexo foi evidenciada na organização dos banheiros, um ao lado do outro, um destinado às meninas e outro aos meninos. As placas com desenhos de menina e menino, com fundo rosa e azul, explicitam a demarcação. Na hora do lanche, meninas e meninos sentam-se nos lugares escolhidos por eles próprios, assim, meninas e meninos sentam-se um ao lado do outro, e às vezes tem grupinhos de meninas e também de meninos. No refeitório as crianças podem escolher onde e com quem querem se sentar.

A rotina diária da turma é organizada pelas professoras de forma a manter as crianças ocupadas o tempo todo. A distribuição das atividades com relação ao tempo é a mesma todos os dias, exceto na sexta-feira, que é o dia do brinquedo, quando as crianças podem trazer seus próprios brinquedos de casa. Conforme assinala Finco (2007, p. 97):

A organização do tempo e do espaço em escolas de Educação Infantil muitas vezes gira em torno das necessidades do adulto, criando assim um "espaço adultocêntrico"; através desse espaço, podemos perceber a influência de nossa sociedade centrada no adulto. Nessa relação unívoca, o adulto desempenha o papel do emissor, aquele que ensina, e a criança, o papel de receptor, aquele que aprende.

A pesquisa evidenciou que a rotina estabelecida é cumprida rigorosamente todos os dias, como uma forma de manter as crianças sentadas e quietas enquanto estão na sala. Na realização de uma atividade, uma menina pergunta: *Tia se eu terminar logo posso brincar?* A professora responde: *Não! Vai continuar sentada e em silêncio*" (Caderno de Campo, 2016).

Notamos que a professora costuma punir as crianças quando fazem algo que não é do agrado dela, ou mesmo quando não conseguem realizar uma determinada atividade no tempo previsto, ou seja, junto com a maioria das crianças, como mostra o exemplo abaixo:

Após terminarem de escrever o nome na atividade, a professora manda todos irem pra fila, apenas quatro meninos continuam sentados na sala terminando a atividade. Ela libera as crianças que estão na fila pra brincar no pátio, e os outros continuam na sala e ela diz: *Só vão sair pra brincar depois que terminarem* (Caderno de Campo, 2016).

Além disso, um dos meninos foi repreendido pela professora porque estava pintando o desenho de uma menina de uma única cor, a professora então indicou a cor

que ele deveria usar para colorir o vestido da menina: rosa. A demarcação da professora sobre as coisas permitidas e as proibidas “[...] informam sobre uma pedagogia que veicula atitudes, hábitos e estereótipos de comportamento que fomentam preconceitos e desigualdades de oportunidades entre meninos e meninas (FINCO, SILVA E DRUMOND, 2011, p. 71).

2. AS RELAÇÕES DE GÊNERO ENTRE A PROFESSORA, MENINAS E MENINOS

Uma menina brincava com os meninos correndo pelo pátio, mas logo a professora falou: *senta menina, vai brincar com os outros brinquedos, você só fica correndo com os meninos o tempo todo* (Caderno de campo, 2016). Percebe-se que para a professora, brincar correndo não é brincadeira para as meninas. Em outro momento observa-se a mesma atitude da professora com relação as meninas:

Uma menina brinca com duas bolinhas, diferente das outras que brincam com bonecas, ela brincava sozinha no canto da sala, mais logo a professora disse: *vem pra cá brincar com as meninas de boneca. Ela se aproximou das outras, porém, não pegou em nenhuma boneca, apenas ficou observando* (Caderno de Campo, 2016).

No dia do brinquedo os meninos levaram carrinhos, miniaturas de “super-heróis”, e as meninas levaram bonecas. Uma delas levou uma bola, o que causou estranhamento por parte da professora, que disse: *porque você não trouxe uma boneca, como suas coleguinhas?* A menina então respondeu: *porque hoje não quero brincar com boneca professora, eu quero é jogar bola.*

Com atitudes como essa da professora é que produzimos e reproduzimos a educação sexista, como quando pré-julgamos um comportamento, seja da menina ou do menino, baseados somente em estereótipos; estamos assim legitimando a educação sexista.

Em outro momento, na sala de vídeo, as crianças assistiam um filme das princesas, mas os meninos não queriam assistir, pois para eles era um filme de meninas. A professora, então disse a eles que teriam que assistir ao filme de qualquer modo. Em momento algum ela procurou desmistificar a ideia de que filmes de princesas são para meninas, e perdeu a oportunidade de desconstruir com as crianças modelos rígidos de feminilidade e masculinidade e, assim, construir com elas outras referências e condutas.

Mesmo com as professoras impondo regras com a intenção de controlar as brincadeiras das crianças, foi possível observar que elas encontram “brechas” na organização da rotina e atividades propostas para escapar do que foi programado pela professora. Felizmente, apesar do gerenciamento do tempo na escola, as crianças brincam em qualquer circunstância e sempre encontrando um jeito para se divertir. Finco (2007, p. 115) então ressalta que,

As práticas educativas, ao reproduzirem determinados comportamentos, estão determinando posições diferenciadas para meninos e meninas. É possível afirmar que a forma como as práticas educativas apresentam as brincadeiras e os

DRUMOND, V.; SILVA, C. C.

brinquedos na Educação Infantil pode estar contribuindo para a construção de um modelo único de feminilidade e de masculinidade (FINCO, 2007, p. 115).

Muitas vezes a escola, ao invés de ser um ambiente que trabalha para excluir a discriminação, os preconceitos e estereótipos, realiza um trabalho oposto, onde a todo momento reforça a educação sexista, com a divisão de atitudes e comportamentos entre meninas e meninos.

3. AS RELAÇÕES DE GÊNERO NAS BRINCADEIRAS DE MENINOS E MENINAS

Observamos em muitos momentos o laço de amizade entre meninas e meninos: elas brincavam, conversavam por horas sem discussões, sem rivalidade, como se pra elas não importasse as diferenças do sexo oposto.

Num certo momento percebi que as meninas não quiseram brincar com suas bonecas, colocaram elas num cantinho e foram brincar na areia com alguns meninos. Depois de muito tempo brincando na areia, as meninas resolveram brincar com as bonecas, e um dos meninos brinca com elas (Caderno de Campo, 2016).

Como mostra esse relato, as crianças em muitos momentos não agem de acordo com o que é determinado pelos adultos, e costumam se divertir muito quando brincam livremente, com meninas e meninos, sem a interferência das professoras. Conforme destaca Finco, Silva e Drumond (2011, p. 132),

As fronteiras do que é permitido e do que não é permitido para cada sexo não são considerados nos momentos de brincadeiras; ou seja, meninos e meninas mostram-nos que seus desejos e vontades vão além do que os adultos esperam deles; que possuem a capacidade de criar e recriar, de vivenciar situações inesperadas de formas inovadoras.

Os registros do caderno de campo apontam que as crianças mostram que são capazes de ultrapassar as fronteiras e os preconceitos em relação aos estereótipos e preconceitos. As crianças ainda encontram espaços para a transgressão: meninos e meninas reagem como podem e, sendo assim, algumas crianças resistem à pressão das expectativas, como ressalta Finco (2010b, p. 132),

Meninos e meninas que transgridem as fronteiras de gênero causam estranhamento e são oprimidos, mais isso não se dá de forma passiva. Apesar de todas as formas de controle identificadas, o poder das professoras sobre meninas e meninos não é universal e unilateral. Meninas e meninos encontram brechas no gerenciamento do dia-a-dia da pré-escola e criam estratégias inteligentes para alcançar seus desejos.

Durante as observações, percebemos que somente no parque as crianças brincavam juntas, meninas e meninos, sem que a professora chamasse a atenção delas. Nesse espaço as crianças aparentavam ter autonomia para decidir sobre suas brincadeiras, ao contrário do que ocorria na sala, onde o controle e a vigilância da professora eram constantes. Como nos diz Finco (2010b, p. 133),

Essas crianças mostram-nos que é possível fazer educação produzindo diferenças, mesmo que isso se constitua em um grande desafio, pois a estranheza é o primeiro sentimento que as crianças transgressoras provocam nas professoras. Tal estranheza deveria da exposição do que todos esperavam que se mantivesse oculto e restrito. A criança transgressora desafia as normas pressupostas e coloca-as em discussão.

Assim, podemos afirmar, sem fazer generalizações, que as práticas das professoras pesquisadas reforçam nas crianças os preconceitos e a discriminação entre os gêneros, onde meninas e meninos não podem brincar juntos, meninas não podem brincar com bolas, carrinhos e os meninos não podem brincar com boneca. Mas foi prazeroso constatar que, mesmo com tantas proibições, as crianças conseguem brincar da maneira que preferem, e transgridem as barreiras impostas pelos adultos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a investigação sobre as relações de gênero nas brincadeiras de meninas e meninos em uma turma de pré-escola, constatamos que as professoras reforçam as desigualdades entre as meninas e os meninos, impondo o que as crianças podem ou não fazer principalmente no momento das brincadeiras. Tendo o sexo como critério, as professoras determinam o comportamento de meninas e meninos e estabelecem com quais brinquedos e brincadeiras elas podem brincar.

A Educação Infantil deveria ser o lugar da desconstrução de práticas sexistas, porém, na escola observada isso não vem acontecendo, pelo contrário, as crianças estão sendo influenciadas e ensinadas a serem preconceituosas e rivais. Cabe também dizer que as professoras reproduzem com as crianças práticas sexistas com muita naturalidade, sem uma reflexão ou questionamento sobre o significado de tais atitudes na construção da identidade das crianças.

Assim, mostra-se de extrema importância que os cursos de formação de professores (as) de Educação Infantil discutam essa temática e incluam em seus currículos conhecimentos e disciplinas sobre gênero e sexualidade, para que esses profissionais estejam preparados para formar meninas e meninos que respeitem uns aos outros, e saibam conviver com as diferenças e a diversidade.

A pesquisa apontou atitudes e práticas sexistas por parte das professoras, principalmente nas brincadeiras de meninas e meninos. Os brinquedos e brincadeiras reproduzem objetos e situações do cotidiano que envolve os papéis sociais de mulheres e homens na sociedade. As crianças em idade pré-escolar preferem as brincadeiras que envolvem os papéis sociais, mas elas constroem e reconstróem as relações à sua maneira, usando de muita criatividade e imaginação, o que geralmente causa estranhamento nas professoras, que repreendem as produções culturais das crianças em nome de uma normatividade que impõe papéis definidos para os sexos.

Na Educação Infantil espera-se que as crianças possam desenvolver sua criatividade, imaginação e fantasias, que possam testar suas hipóteses e fazer descobertas, na interação com as outras crianças a partir das brincadeiras. Neste sentido, mostra-se relevante refletir sobre as práticas educativas na Educação Infantil, principalmente aquelas relacionadas às relações de gênero, pois a forma como meninas

DRUMOND, V.; SILVA, C. C.

e meninos estão sendo educados, pode contribuir para se tornarem mais completos ou para limitar suas iniciativas e aspirações.

As meninas e os meninos, mesmo com todo o controle sobre seus corpos, movimentos e comportamentos, transgridem as imposições dos adultos e mostram que outras relações são possíveis, que podemos construir para elas e com elas uma educação que promova o respeito às diferenças, que incentive o convívio com a diversidade desde a pequena infância.

Artigo recebido em: 27/08/2017

Aprovado para publicação em: 11/12/2017

GENDER AND GAME IN CHILDHOOD EDUCATION: THE RELATIONS BETWEEN TEACHERS, GIRLS AND BOYS

ABSTRACT: The present qualitative study, with ethnographic methodology, problematized the gender relations in the games of girls and boys, and in the daily life of teachers and children of a municipal school of Childhood Education in the interior of Tocantins. Observations were made in a preschool class with children from 4 to 5 years of age. The work field notebook was used for the descriptive record of observations. As theoretical bases were chosen the studies of gender and the area of early childhood education. The results showed that the school reproduces sexist practices and reinforces the heteronormativity. But, children transgress the imposed gender boundaries and show that other forms of coexistence are possible. It was verified the importance of discussions about this theme in the formation of teachers.

KEYWORDS: Girls and Boys. Gender Relations. Games. Childhood Education.

GÉNERO Y JUEGOS EN LA EDUCACIÓN INFANTIL: LAS RELACIONES ENTRE PROFESORAS, LAS NIÑAS Y LOS NIÑOS

RESUMEN: El presente estudio cualitativo, de cuño etnográfico problematizó las relaciones de género en los juegos de niñas y niños y en el cotidiano de profesoras y niños de una escuela municipal de Educación Infantil en el interior de Tocantins. Se realizaron observaciones en una clase de preescolar, con niños de 4 a 5 años de edad. El cuaderno de campo se utilizó para el registro descriptivo de las observaciones. Como bases teóricas fueron elegidos los estudios de género y del área de Educación Infantil. Los resultados apuntan que la escuela reproduce prácticas sexistas y refuerza la heteronormatividad. Pero los niños transgreden las fronteras de género impuestas y muestran que otras formas de convivencia son posibles. Se verificó la importancia de discusiones sobre esta temática en la formación de profesoras y profesores.

PALABRAS CLAVE: Niñas y Niños. Relaciones de género. Brincadoras. Educación Infantil.

NOTAS

1) O Programa Proinfância foi criado, por considerar que a construção de creches e pré-escolas e a aquisição de equipamentos desse nível educacional são indispensáveis à melhoria da qualidade da educação. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/programas/proinfancia/proinfancia-apresentacao>>. Acesso em: 05 nov. 2013.

REFERÊNCIAS

BELOTTI, Elena Gianini. *Educar para a submissão*. Petrópolis: Vozes, 1975.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 1997.

CORSARO, Willian A. Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. *Educação e Sociedade*. Campinas, vol. 26, n. 91, p. 443-464, maio/ago. 2005. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 11 maio de 2014.

CRUZ, Elisabete. Franco. Quem leva o nenê e a bolsa? O masculino na creche. In: ARILHA, Margareth; UNBEHAUM, Sandra; MEDRADO, Benedito. (Orgs.). *Homens e Masculinidades: outras palavras*. São Paulo: ECOS, 1998, p. 235-258.

DERMARTINI, Zeila de Brito Fabri. Diferentes infâncias, diferentes questões para a pesquisa. In: FILHO, Altino José Martins; PRADO, Patrícia Dias (Orgs.). *Das pesquisas com crianças à complexidade da infância*. Campinas, SP: Autores Associados, 2011. p. 11-26.

FAUSTO-STERLING, Anne. Dualismos em duelo. *Cadernos Pagu*, Campinas (17/18), 2001/02; p. 9-79.

FILHO, Altino José Martins. Jeitos de ser crianças: balanço de uma década de pesquisas com crianças apresentadas na Anped. In: FILHO, Altino José Martins; PRADO, Patrícia Dias (Orgs.). *Das pesquisas com crianças à complexidade da infância*. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

FINCO, Daniela. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil. *Pro-Posições*. Campinas, SP: FE, UNICAMP, v. 14, n.3 (42) – set./dez. 2003, p. 89-101.

FINCO, Daniela. A educação dos corpos femininos e masculinos na Educação Infantil. In: FARIA, Ana Lúcia G. de. *O coletivo infantil em creches e pré-escolas: falares e saberes*. São Paulo: Cortez, 2007.

FINCO, Daniela. *Educação Infantil, espaços de confronto e convívio com as diferenças: análise das interações entre professoras e meninas e meninos que transgridem as fronteiras de gênero*. 216 f. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação. USP, São Paulo. 2010a.

FINCO, Daniela. Brincadeiras, invenções e transgressões de gênero na educação infantil. *Revista Múltiplas Leituras*. v.3, n.1, p.119-134, jan/jun., 2010b. Disponível em: <www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ML/article/view/1905/1908>. Acesso em: 25 ago. 2013.

DRUMOND, V.; SILVA, C. C.

FINCO, Daniela. *Socialização de gênero na Educação Infantil*. Florianópolis, 2008. Disponível em: <www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST10/Daniela_Finco_10.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2013.

FINCO, Daniela; SILVA, Peterson Rigato da; DRUMOND, Viviane. Repensando as relações na educação infantil a partir da ótica de gênero. In: GEPEDISC – CULTURAS INFANTIS. *Culturas infantis em creches e pré-escolas: estágios e pesquisa*. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FREITAS, Marcos Cezar. Prefácio: O coletivo infantil: o sentido da forma. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de (Org.). *O coletivo infantil em creches e pré-escolas: falares e saberes*. São Paulo: Cortez, 2007. p. 7-13.

LENAIN, Thierry. *Ceci tem pipi*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ. Vozes, 1997.

PRADO, Patrícia Dias. As crianças pequeninhas produzem cultura? Considerações sobre educação e cultura infantil em creche. *Pró-posições*, vol. 10, nº 1, 1999.

SCOTT, Joan Wallach. "Gênero: uma categoria útil de análise histórica". *Educação e Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, p. 71-99.

VIVIANE DRUMOND: Doutorado em Educação pela UNICAMP, professora do Curso de Pedagogia da UFT, pesquisadora da área: infância, educação infantil, formação de professores, estágio.

E-mail: viviane_drumond@hotmail.com

CLEIDIANE CARDOSO DA SILVA: Pedagoga (UFT), professora da Educação Básica.

E-mail: cleidiane_car@mail.uft.edu.br
